

## Convergências e divergências na idealização da mulher no discurso cinematográfico contemporâneo em diálogo com os contos de fadas clássicos<sup>1</sup>

Mestranda Maíra Bastos dos Santos<sup>2</sup>

### Resumo

*O objetivo desse trabalho é o de analisar o filme Encantada e estabelecer relações dialógicas com os contos de fadas tradicionais. Pretende-se compreender de que forma o discurso cinematográfico converge ou diverge da idealização de mulher preestabelecida pelos contos clássicos, e perceber de que modo surge no contexto contemporâneo a figura feminina. Para tanto, serão analisados trechos do discurso verbal das personagens do filme e alguns aspectos referentes à passagem do conto de fadas - enquanto animação, representado pela cidade fictícia de Andalazia - para o mundo "dito" real - representado pela linguagem cinematográfica e ambientado na cidade de Nova York.*

**Palavras-chaves:** Conto de fadas. Idealização da mulher. Cinema.

### 1 Andalazia e Nova York – dois mundos ligados por um conto de fadas e separados por uma ideologia.

Os contos de fadas surgiram com a intenção de transmitir um ensinamento aos adultos. Com o passar dos anos esses contos foram recebendo novas formas, novos desfechos e passaram a ser direcionados ao público infantil, entretanto sem perder esse caráter moralizante. Um dos primeiros escritores a adaptar essas histórias para as crianças foi Charles Perrault, seguidos dos irmãos Grimm, que remodelaram as histórias da tradição alemã. Embora sejam considerados universais, atemporais e neutros, é inegável que os contos de fadas trazem em suas raízes (e em suas adaptações) as marcas ideológicas de uma época, de um contexto, "são trabalhos criados por autores específicos, projetados em contextos sócio históricos e culturais particulares" (CANTON, 1994:12).

Levando em conta que "dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados" (FIORIN, 2006:19) e que todo texto é dialógico, o filme contemporâneo *Encantada* desde o título evidencia o diálogo com os referidos contos de fadas. Assim sendo, partindo dos contos de fadas tradicionais, A branca de neve, Cinderela e A Bela adormecida<sup>3</sup>, em contrapartida com o filme, pretende-se perceber em que aspectos transparecem as relações de convergência e divergência no que tange à idealização da mulher.

Para tanto se faz necessário conhecer alguns aspectos das heroínas desses contos de fadas. Dotadas de uma beleza excepcional, todas elas são plenas de alegria, apesar das adversidades, doçura diante da crueldade do mundo, aceitação aos desígnios do destino e, acima de tudo, completa devoção e submissão aos destemidos príncipes, que também são dotados de grandes virtudes. Essas características das personagens, especialmente as femininas, remetem à leitura de um contexto romântico cristão, no qual as histórias expõem os atributos consagrados pela sociedade e servem como modelos a ser seguidos. A idealização da mulher também está relacionada à idéia de amor cortês e à separação de papéis sociais entre homem e mulher.

Quanto à família: a autoridade suprema e decisória é exercida pelo homem, enquanto a responsabilidade pelo comportamento dos filhos ou pelo funcionamento ideal da família e do lar é atribuída à mulher.

<sup>1</sup> Trabalho realizado como o apoio do Mack Pesquisa

<sup>2</sup> **Maíra BASTOS DOS SANTOS, Mestranda.**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

[maira.bastos@ibest.com.br](mailto:maira.bastos@ibest.com.br)

<sup>3</sup> Foram consideradas as versões escritas pelos autores citados e não as versões Disney.

Note-se que essa superioridade do homem, patente da vida prática, corresponde à idealização de mulher, iniciada na Idade Média através do código do amor cortês. Na literatura para crianças, todas essas características aparecem de maneira evidente, quase caricata, reforçando os limites entre o que é próprio da mulher e do homem (COELHO, 2000. p. 21).

O universo do conto de fadas mostra uma sociedade declaradamente divisora de papéis, que reforça as virtudes, pune os defeitos e molda um ideal de mulher a ser valorizado e seguido; uma mulher lindíssima, doce, meiga, consciente de sua função no casamento, e sobretudo, submissa, indefesa e dependente de um príncipe encantado.

Em pleno século XXI, a imagem feminina ganhou novos valores no filme *Encantada* da Disney. Produzido em 2007, com roteiro de Bill Kelly e direção de Kevin Lima, o filme passeia entre a animação e o cinema, transpondo um conto de fadas para o cotidiano de uma metrópole. O filme começa em forma de desenho animado representando o universo do conto de fadas. Nesse cenário vive Giselle, uma pobre donzela indefesa que aguarda por um príncipe encantado para satisfazer seus anseios. Em meio a essa espera, a jovem é atacada por um ogro, e em sua defesa surge o príncipe Edward. É amor à primeira vista e, sem muitas delongas marcam o casamento para o dia seguinte. Entretanto Narissa, a madrasta de Edward, que não quer perder a coroa, manda Giselle para o mundo real, ou seja, aquele tocado pelas contingências da sociedade ocidental contemporânea, onde, segundo a malvada, “não há felizes para sempre”. Até aqui o filme converge com o discurso representado pelos contos de fadas.

Ao cair no mundo real, representado pela cidade de Nova York, o cenário muda e a história começa a se desenrolar dentro do discurso cinematográfico; nesse contexto Giselle sente-se desamparada e perdida, pois não há nesse espaço pessoas simpáticas e gentis. É interessante perceber como as cores retratam as características dos dois mundos. Na animação as cores são fortes, vivas, claras, predominam o verde, o azul e o amarelo; já no mundo novaiorquino as cores que se sobressaem são frias, apagadas, sombrias. Nesse primeiro momento predominam o cinza, o marrom e o grafite em contraste com a roupa branca de Giselle, de modo que a ambiência do mundo revela a magia e o encantamento de um e a frieza e solidão do outro. Reforçam ainda a idéia de que nesse mundo real a felicidade (e até mesmo o amor) são desejos inatingíveis e Giselle anda na “contramão” das possibilidades desse mundo tão novo e incerto para ela. Ao ressaltar essas diferenças entre o mundo real e o mundo da fantasia, o filme diverge da idéia de que é possível transpor para a vida um conto de fadas.

Giselle caminha sozinha procurando um meio de voltar ao mundo de Andalazia, e ao ver em um *out-door* a imagem de um castelo, sobe ao telhado e tenta entrar nele. Enquanto isso, Robert e sua filha Morgan travam o seguinte diálogo:

Morgan abre o presente que o pai lhe deu:

- Um livro? – questiona a menina desanimada, ao ver “As grandes mulheres desse século”.

- Ah, perai filha, não me olhe assim. Eu sei que não é de conto de fadas como você queria, mas esse é melhor. Dá só uma olhada. – diz o pai folheando o livro e mostrando algumas figuras – Rosa Park, Marie Curie, essa foi uma mulher extraordinária, dedicou a vida dela toda à pesquisa, até que morreu, envenenada por radiação.

- Ela morreu?

Toca o telefone e é Nancy a namorada de Robert. Ao desligar, o pai diz a filha:

- Morgan, eu vou me casar com a Nancy. Ela é como as mulheres do seu livro. (cena 4)

Nesse trecho Robert deixa claro que não quer que a filha seja como as protagonistas dos contos de fadas, mas sim siga o exemplo das grandes mulheres que mudaram a história e que, como elas, seja forte e independente. O diálogo é interrompido pela visão de Giselle pendurada no *out-door*. Robert vai ao seu encontro e pede à moça que desça, mas a jovem escorrega e cai nos braços do advogado de divórcios, que impede que ela se machuque. A pedido da filha, Robert deixa Giselle dormir em sua casa por uma noite; a moça está confiante de que o amado virá buscá-la e não se preocupa com o dia de amanhã. Enquanto Giselle é a típica personagem da fantasia, Robert carrega todos os traços da realidade representada por Nova York; suas roupas são de cores frias e escuras, são modelos clássicos e tradicionais, seguindo o padrão de uma cidade que gira em função da sobriedade e eficiência. A casa do advogado também diverge do lar da mocinha, já que enquanto no casebre da floresta predominam as cores quentes e alegres, que demonstram uma certa luminosidade, na casa de Robert predominam o cinza, o marrom e uma disposição dos móveis nada amistosa e aconchegante, pois parece um tanto quanto difícil a locomoção nesse ambiente, entretanto o quarto de Morgan segue outro padrão, decorado com cores claras, principalmente o branco, o lugar parece iluminado e essa “luz” aliada à organização do mobiliário remete a um toque de tranquilidade, de paz e harmonia que diverge dos outros cômodos da casa.

Na manhã seguinte, ao acordar, Giselle canta para convidar os animaizinhos a ajudá-la na tarefa de limpar a casa do seu anfitrião; e em vez de esquilos, pássaros silvestres e delicados animais (como os dos contos de fadas), surgem baratas, pombas, moscas e ratazanas para colaborar com a faxina, juntos deixam a casa impecável. Mais uma vez o discurso fílmico converge com o ideal de mulher prendada, disposta a realizar os afazeres domésticos apregoados pelos contos da tradição. Giselle representa a boa dona do lar que também é doce, meiga, indefesa e desprotegida, mas que precisa de uma ajuda extra, aqui representada por pequenos animais, para a realização de suas tarefas, assim como as protagonistas dos contos já mencionados. A partir desse ponto, parece que o discurso cinematográfico começa a tentar aproximar o mundo da fantasia ao mundo aqui apresentado como real.

Enquanto isso no mundo da animação, Edward descobre onde está sua amada e sai atrás dela. Entretanto, ao chegar no mundo real, esse príncipe perde o ar de “encantado” e ganha um quê de “desajeitado”. Recusando o ideal de príncipe preestabelecido pelos contos maravilhosos, o discurso fílmico revela uma visão de príncipe diferente das referidas narrativas, já que no filme essa personagem foge do ideal de homem.

Partindo do princípio de que “um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição a qual ele se constrói (FIORIN, 2006:24)”, o discurso cinematográfico ridiculariza o estereótipo de príncipe encantado ao apresentá-lo como: atrapalhado, vaidoso, convencido, pouco inteligente, artificial, teatral, como se declaradamente representasse um papel.

Mesmo estando na mesma cidade, e até mesmo no mesmo bairro, Edward e Giselle não se encontram, graças ao fiel escudeiro de Narissa que sempre surge para evitar o reencontro. Enquanto o príncipe e Pipe (um esquilo amigo próximo de Giselle) procuram pela jovem, Robert e a moça conversam sobre as divergências dos dois mundos. Desse ponto, a paisagem torna-se mais clara, mais amena, mais amigável. Robert contesta a ideia de “amor verdadeiro” e da possibilidade de duas pessoas viverem “felizes para sempre”. E Giselle começa a se questionar sobre os casamentos nos contos de fadas, já que nesses não existe diálogo e previsão de futuro do casal pois as histórias sempre acabam após o casamento. Robert, agindo como representante do mundo dito “real”, age e pensa de forma racional e não crê que um relacionamento possa durar muito tempo, partindo da premissa que em algum momento os interesses dessas pessoas serão diferentes, ou até mesmo contrários, e isso acarretará o divórcio. Essa visão pessimista das relações, em grande parte, é consequência de suas atividades profissionais, visto que ele é um advogado especialista em divórcios e fica subtendido que Robert é bom na tarefa de auxiliar as pessoas a pôr um fim em seus

casamentos da maneira “menos dolorosa possível”, como se houvesse a possibilidade desse desfecho não ser doloroso.

Depois de muitos desencontros, Edward finalmente encontra sua amada, porém antes de retornar ao conto de fadas, Giselle pede a ele que tenham um encontro, que conversem e se conheçam. O príncipe estranha o pedido, primeiro porque as donzelas não costumam pedir nada e sim atender aos pedidos, ação que já distancia a moça das protagonistas já conhecidas, mas promete atendê-la levando-a a um tradicional baile anual que recria o universo medieval, com roupas típicas, danças e cenário de época. Com a ajuda de Morgan, Giselle fica incrivelmente linda, contudo perde o ar de princesa clássica e ganha um toque de mulher moderna com um vestido justo, chapinha no cabelo e acessórios contemporâneos.

Nesse baile também estão Nancy e Robert, vestidos como membros reais da Idade Média; nesse ambiente Giselle se destaca por contrastar dos demais convidados pelas vestimentas, o que já evidencia a transformação da heroína.

Revoltada por não conseguir separar o enteado da plebéia, Narissa vem para o mundo real com uma maçã envenenada e aproveita-se de um momento de tristeza de Giselle e de distração de Edward para fazer com que a moça coma a maçã. Dialogando com A branca de Neve, a jovem cai desfalecida, Edward e Robert correm em seu auxílio, o príncipe a beija, mas ela não acorda, beija novamente e nada. Então os dois percebem que só um beijo de amor verdadeiro poderá salvá-la e que o dono do coração de Giselle é Robert, não Edward. Assim sendo, o advogado a beija e ela acorda.

Não satisfeita, Narissa transforma-se em um dragão, como aquele que obstruía a passagem para o quarto da Bela adormecida, e toma Robert como refém. Aqui, mais uma vez, o discurso cinematográfico tenta mostrar que o mundo conturbado, confuso e contraditório de uma metrópole também pode ter traços do mundo da fantasia. Sem se deixar abater, dialogando com Cinderela, a heroína deixa o sapatinho no meio do salão e corre para salvar o amado.

- Uma reviravolta na nossa história. – diz Narissa – É a princesinha corajosa que está vindo salvar você. Isso faz de você um mocinho em perigo. Não é bonitinho? Vamos elevar o nível do nosso conto de fadas.

Giselle levanta o vestido, pega a espada de Edward e escala o prédio na tentativa de resgatar o amado. Depois de um pequeno duelo entre a princesa corajosa e a madrasta malvada, com a ajuda de Pipe, Giselle salva Robert e faz com que a bruxa caia da Torre onde estava. Assumindo o papel de mulher contemporânea, a protagonista em questão, não precisa ser desprotegida e indefesa para conseguir um marido, e também não procura um príncipe encantado, e sim um homem real, mas que possa lhe oferecer amor verdadeiro. A princesa contemporânea não nega o amor e sim a busca por um homem perfeito materializado pela imagem do príncipe.

Como era de se esperar, afinal nessas histórias todos terminam bem, Edward coloca o sapatinho no pé de Nancy, e ele encaixa perfeitamente; sem pestanejar, os dois pulam para Andalazia e se casam no universo da animação. Antes do fim da cerimônia, o celular de Nancy toca, ela o atira longe, como último resquício de sua vida no mundo noviorquino. Entretanto, para selar a união é Nancy quem beija o príncipe e o segura nos braços, negando a posição de princesa de conto de fadas clássico, fugindo do esteriótipo de mulher submissa e já deixando entrever que o mundo da fantasia também sofrerá alterações.

No mundo real – na cidade de Nova York- Giselle e Robert ficam juntos e o discurso cinematográfico mostra *flashes* dos acontecimentos posteriores; Giselle está trabalhando na confecção de Nancy, com a ajuda de seus pequenos animais, para não perder o vínculo com o conto de fadas, mas assumindo um novo papel social: madrasta, mulher e profissional de sucesso. Robert, Nancy e Morgan aproveitam o fim da noite com brincadeiras em família, recusando aquele ideal de

família clássica difundido pelo conto de fadas no qual a mulher era responsável pela educação e distração das crianças, enquanto o pai era o provedor das necessidades materiais. Giselle assume-se definitivamente como divergente do ideal construído por uma época em que as mulheres não tinham espaço no mercado de trabalho, não tinham voz dentro da família e que seguiam os padrões cristãos, no qual a mulher devia obediência e submissão ao homem, que na maioria das vezes não era nenhum príncipe encantado. É interessante perceber como o ambiente da casa muda com a chegada definitiva de Giselle; a casa ganha outros tons e outras cores, especialmente o verde e o branco, apresentando uma luminosidade; as plantas e flores em todos os cantos da casa e a disposição dos móveis de maneira menos rígida e ordenada remetem a um ambiente aconchegante e agradável, diferente do descrito no início do filme.

O filme tenta mostrar com esse desfecho quão tênue são os laços que separam o conto de fadas do cotidiano de uma grande metrópole e atestar que de certo modo é possível transpor de um mundo a outro alguns conceitos que se modificaram ao longo dos anos. No início o discurso fílmico expressa distintamente a divisão entre dois mundos: um permeado pela fantasia, a magia e o encantamento típicos dos contos clássicos; o outro, determinado pela correria diária, pela escassez de tempo e pela solidão impressa nos grandes centros urbanos. Contudo, ao longo da narrativa percebe-se que o discurso tradicional absorve os valores do discurso contemporâneo associado à presença de Morgan no mundo da fantasia, quebrando a idéia de mulher estabelecida por essas narrativas; do mesmo modo, o discurso cinematográfico, representado por Nova York, ao acolher Giselle retém também os valores incutidos no modo de viver e pensar da personagem.

A partir dessa observação, pode-se pensar que o filme, ao invés de distanciar os dois mundos – como parece que ele fará no princípio – ele os aproxima na tentativa de demonstrar que é possível no mundo contemporâneo viver um amor verdadeiro como nos contos de fadas, porém com uma mulher de verdade, completa: bonita, inteligente, segura, confiante e determinada e não uma mocinha indefesa e despreparada para o mundo real.

### ***Conclusão***

Segundo Fiorin “as relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa (FIORIN, 2006;24)”, o que nos leva a concluir que em alguns aspectos o discurso fílmico converge com a visão clássica quanto à caracterização do ideal de mulher sacralizando esse modelo de comportamento; para depois negar essa visão subvertendo-a. Do exposto, pode-se afirmar que o discurso cinematográfico aceita e converge com a idéia de amor verdadeiro, já que a mulher contemporânea, assim como a clássica, não nega a importância do amor; porém o filme caracteriza em um primeiro momento uma mulher submissa, dependente e desprotegida apresentando uma relação de convergência, para depois expor seu ponto de vista, ao apresentar uma personagem em processo de transição da imagem feminina dos contos de fadas na contemporaneidade, assumindo novos papéis na sociedade

Inegavelmente, tanto o hipotexto quanto o hipertexto carregam marcas da época em que foram escritos, e em ambos transparecem a historicidade de um momento definido. O filme retrata e refrata o contexto social atual em que a mulher deixou de ser personagem secundário (ou até mesmo espectador) da sua própria vida e virou protagonista, ciente de suas virtudes, limitações e anseios.

### ***Referências Bibliográficas***

- [1] CANTON, Kátia. *E o príncipe dançou... O conto de fadas contemporâneo, da tradição oral à dança contemporânea*. São Paulo: Ática, 1994.
- [2] CARTER, Ângela. *103 contos de fadas*. Traduzindo por Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- [3] COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1991.

[4] \_\_\_\_\_. *Literatura infantil – Teoria . Análise. Didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

[5] FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

[6] SOUZA, Ângela Leite de. *Conto de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte; Editora Lê, 1996.

### ***Filmografia***

[7] LIMA, Kevin. *Encantada*, (2007)